

HERÓDOTO E O EGITO: TRADUÇÃO E COMENTÁRIO DO LIVRO II DAS HISTÓRIAS ¹

Érica Siani MORAIS

RESUMO Esta dissertação compõe-se de duas partes: tradução e comentário do Livro II das Histórias. O principal objetivo do trabalho é destacar a originalidade da abordagem de Heródoto e mostrar que, apesar do estilo arcaico, o historiador retomou em sua obra idéias e juízos discutidos no curso do século V a. C.. Na introdução, discorreremos sobre a recepção crítica da obra de Heródoto e sobre as atuais teorias acerca das Histórias. O capítulo I trata da inserção do Livro II no conjunto das Histórias e da originalidade de Heródoto em relação a Hecateu; o capítulo II trata de um tema amplamente discutido por autores do século V a.C.: a versão herética da lenda de Helena e a busca de novas explicações para as causas da guerra de Tróia; os capítulos III e IV examinam os dois grandes tópicos do Livro II: o relato etnográfico e geográfico; a história dos faraós. Por fim, tendo em vista o objetivo mencionado, notas acompanham a tradução.

ABSTRACT This dissertation is arranged in two parts : translation and comments of Book II of Histories .The main objective of this paper is to point out the originality of Herodotus's approach as well as show that in spite of the archaic style, the historiographer retook in Histórias work ideas and wits that were discussed in 5 th. century b. C.. In the Introduction, we will discourse about the critical reception of Heorodotus's work and about the current theories about the Hitories. Chapter I relates to the insertion of Book II in the group of Histories and the Herodotus's originality in relation to Hecateus ; Chapter II reletes to a hugely discussed theme by 5 th. century's authors : the heretic version of the legend of Helena and the search for new explanations for the causes of Troy War; Chapters III and IV examine the two greatest topics of Book II : the ethnographic and geographic report; the history of pharaohs. At last, taking into account the mentioned objective , notes come along with the translation.

¹ Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Linguística, do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, no dia 9 de novembro de 1999, sob orientação do Prof. Dr. Trajano A. Ricca Vieira.

Euterpe, nome dado pelos alexandrinos ao Livro II das *Histórias*, é o mais extenso *logos*² escrito por Heródoto; em suas páginas se encontra um dos momentos privilegiados da obra do autor: o relato etnográfico e geográfico do Egito, em que se integram as inesquecíveis histórias dos faraós. Essa obra, escrita na maturidade do autor, já mereceria estudo apenas por seu conteúdo, já que envolve questões como evolução historiográfica, abordagem original e tratamento *científico* de certos assuntos. Todavia, a importância do Livro II transcende tais questões, pois Heródoto inicia com essa obra a *idealização* do Egito e de seu povo na literatura ocidental. A imagem construída por Heródoto³ foi incorporada por autores gregos⁴ e latinos, inspirou motivos da arte francesa do século XVIII e, ainda hoje, se manifesta com vigor dentre diversos mitos de nossa época. Entretanto, apesar da significação do Livro II das *Histórias* para a própria história da cultura, poucos trabalhos lhe têm voltado atenção. Em vista disso, tentamos resgatar os aspectos mais importantes da obra, alguns dos quais contribuíram para o fenômeno mencionado acima, como as histórias dos faraós. Para tanto expusemos, primeiramente, os juízos canônicos a respeito da obra de Heródoto, já que qualquer abordagem define-se necessariamente em relação a esses.

Os poucos estudos do Livro II refletem o tratamento dado a toda a obra de Heródoto, sempre relegada a segundo plano por motivos diversos. Desde a Antigüidade até nossos dias, Heródoto recebeu tanto calorosos elogios quanto censuras: as *Histórias* já foram chamadas de “jóia jônica” da arte de narrar o particular e o humano, mas também valeram ao historiador a pecha de mentiroso. O relato histórico de Heródoto recebeu críticas pouco depois de sua divulgação, as censuras só se arrefeceram de fato no começo deste século, graças aos trabalhos de Jacoby⁵ (1913) e Pohlenz⁶ (1937). Na Grécia Antiga, Tucídides foi um dos primeiros detratores de Heródoto. Embora tenha reconhecido o autor das *Histórias* como seu predecessor, Tucídides reprovou-lhe as narrações de histórias fantásticas e a busca pelo aplauso momentâneo. Logo no início da *História da Guerra do Peloponeso*⁷, Tucídides opõe sua obra à de Heródoto - embora o nome do historiador não seja citado explicitamente -, comprometendo-se a relatar somente fatos e não mitos e fábulas. Posteriormente, no século IV a. C., Heródoto despertou

² Costuma-se chamar de *logoi* os livros de Heródoto nos quais predominam o relato etnográfico e geográfico.

³ Christian Froidefond. *Le Mirage Égyptien*.

⁴ Platão, *Górgias* 482 b, 511 d; *Menexeno*, 239e, 241e, 245d; *Eutidemo*, 288b; *Fédon*, 80c; *República*, 436a; *Fedro*, 257d; 274c; *Timeu*, 21c; *Critias*, 108d; *Filebo*, 18b; *Leis*, 656d, 747c; Isócrates, *Busires* 5.

⁵ F. Jacoby, *Griechische Historiker*.

⁶ M. Pohlenz, *Herodo, der erste Geschichtschreiber des Abendlandes*.

⁷ Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*, I.22.

o interesse de Teopompo⁸, que resumiu as *Histórias* em dois livros; apesar disso, o historiador não foi poupado por Aristóteles, que lhe reprovou a locução encadeada (*lexis eiromene*)⁹ e as histórias fabulosas¹⁰. Já em época helenístico - romana¹¹, as opiniões a respeito das *Histórias* continuaram a se dividir : Cícero reconheceu Heródoto como pai da história¹², mas não deixou de fazer reservas às suas histórias fictícias¹³. O último autor da Antigüidade a atacar Heródoto foi Plutarco¹⁴, que o acusou de mentiroso, parcial e favorável aos bárbaros.

Apesar de todas essas restrições feitas a Heródoto, as *Histórias* nunca deixaram de ser lidas e admiradas, servindo de modelo à historiografia bizantina. Quando os humanistas italianos entraram em contato com os bizantinos, ressurgiu o interesse por Heródoto, que começou a ser traduzido¹⁵: em 1416, Il Guarino verteu para o latim os primeiros setenta parágrafos das *Histórias*; em 1452, Lorenzo Valla traduziu inteiramente a obra de Heródoto para o latim. Após essas traduções, finalmente M. Boiardo realizou a primeira versão da obra de Heródoto para o italiano , e, a essa, seguiram-se inúmeras outras¹⁶. Com a maior divulgação da obra de Heródoto, ressurgia, mais uma vez, o debate em torno do conteúdo das *Histórias* . Muitos foram os trabalhos que avaliaram negativamente as *Histórias*, até que em 1566, Enrico Stefano escreveu sua *Apologia pro Erodoto*¹⁷. Stefano fez um trabalho grandioso, permitindo que a credibilidade de Heródoto, durante muito tempo, permanecesse inabalável. Muito mais tarde, no século XVIII, Heródoto foi considerado com interesse literário, mas as controvérsias a respeito de seu trabalho brotaram mais uma vez, tanto que, na França, em 1756, o abade Geinoz se viu compelido a escrever um tratado em defesa do historiador.

A história da recepção crítica de Heródoto revela que a maior parte das censuras feitas às *Histórias* recaí sobre o conteúdo da obra; o estilo de Heródoto,

⁸ Vale notar que Teopompo, assim como Heródoto, narrou diversas histórias fantasiosas que lhe valeram a advertência de Cícero, *De Legibus* 1.1.5.

⁹ *Retórica*, 1409 a 27-b12.

¹⁰ *Reprodução dos animais* 756 b 6.

¹¹ Fellipo Cássola, *Erodoto Storie vol. I*, nos informa que, ainda nesse período, surgiram estudiosos que se posicionaram contra Heródoto (Valerio Pollione, Elio Arpocrazione, Libanio); mas somente alguns desses trabalhos sobreviveram.

¹² Cícero, *De Legibus*, 1.5.

¹³ Cícero, *De diuinatione*, 2.116.

¹⁴ Plutarco, *A Malignidade de Heródoto*.

¹⁵ Os tradutores de Heródoto do período renascentista a que me refiro são citados no comentário de Filipo Cássola, *Erodoto Storie* , (*libri I- II*), pp. 5-68.

¹⁶ Como, por exemplo, a do veneziano Aldo Manuzio, realizada em 1502.

¹⁷ Recentemente, o trabalho de Stefano foi recuperado por J. Kramer, *Henri Stephani Apologia pro Herodoro*, Misenhein am Glam, 1980.

com raras exceções¹⁸, sempre foi bastante apreciado¹⁹. Hoje, embora poucos chamem Heródoto de “mentiroso” ou “filobárbaro” (Plutarco)²⁰, muitas das questões levantadas ao longo desses séculos ainda estão em pauta. O cotejo entre Heródoto e Tucídides, cujo início pode ser reportado a esse último, é algo recorrente nas análises das *Histórias*, sendo muitos os trabalhos positivos que resultaram dessas pesquisas, sobretudo no que diz respeito à questão da ciência historiográfica. Contudo, também surgiu desse tipo de abordagem o estudo *evolucionista* da história, no qual os métodos de Tucídides são enaltecidos em detrimento dos de Heródoto. Tal posicionamento prejudicou muito a apreciação de Heródoto, pois supõe, de antemão, que Tucídides seja um historiador superior por relatar com exatidão acontecimentos que, provavelmente, podem vir a se repetir no futuro. A história de Tucídides teria um propósito, não servindo apenas para entreter ou satisfazer a curiosidade sobre determinados assuntos. Mas, esse tipo de cobrança é absolutamente injusta, pois a obra do historiador de Halicarnasso não foi criada apenas para entreter o público. Além disso, o escritor não declara em momento algum intenção de realizar um relato histórico; lembremos que o título da obra, *Histórias*²¹, não foi dado por Heródoto, mas pelos alexandrinos²². Com o progresso dos estudos sobre culturas orais, alguns aspectos da obra de Heródoto, outrora vistos com reservas, puderam ser compreendidos e explicados. De acordo com essas teorias, Heródoto desempenharia um papel equiparável ao do aedo: assim como o poeta imortalizara os feitos de heróis, caberia a Heródoto imortalizar os feitos e obras dos homens, como revela o prólogo das *Histórias* :

{ Ηροδοστου ≡ Αλικαρνησσεων ἱστοροπιηῖν ἀφοπδεξιῖν ηἱ δε, ωθῖν μηποτε τα; γενοσμε να εφξ ἀφνθρωπων τω/ χροσνω/ εφξιστηλα γεσνηται μηποτε εἰργα μεγαπλα τε και; θωμσσ τασ, τα; με:ν { Ελλησι, τα; δε; βαρβασπορισι ἀφοπδεσχθεντα, ἀφκλεαῖ γεσνεται, τα; τε ἀλλα και; ηἱν ἀφτιπῶ εφολεσμησαν ἀφλληπῶισι. (*Histórias*, Prólogo)

Eis a exposição das investigações de Heródoto de Halicarnasso, para que os feitos dos homens se não percam no tempo, e para que não fiquem sem renome as grandes e admiráveis empresas, tanto dos bárbaros quanto dos gregos; e, sobretudo, a razão por que guerrearam uns contra os outros. (Tradução nossa)

¹⁸ Aristóteles, *Retórica* 1409 a 27-b 12, é um dos poucos autores que criticaram o estilo de Heródoto

¹⁹ Filipo Càssola, em sua introdução à obra *Erodoto Storie (libri I-II)*, cita o texto de P. Giordani *Instruzioni per l'arte dello scrivere*, Napoli, 1821, que considerava a arte de Heródoto insuperável e praticamente impossível de ser bem traduzida.

²⁰ Este termo foi cunhado por Plutarco na obra *A Malignidade de Heródoto* .

²¹ Que o título da obra de Heródoto, *Histórias*, não era compatível com a presença de tantas falsidades, foi notado por Petrarca pela primeira vez .

²² Os alexandrinos dividiram a obra de Heródoto em nove livros, dando a cada um o nome de uma musa; contudo, essa divisão não corresponde à separação exata dos assuntos. No caso do livro II, o relato sobre o Egito se estende até o começo do livro III (3.1-3.39).

A exposição de Heródoto possui três finalidades: lembrar o passado, dar glória aos feitos dos homens e encontrar uma causa para a guerra. Em uma época em que a escrita ainda não havia sido totalmente difundida, a memória seria o principal meio de preservação das informações, transmitidas oralmente em audiências públicas. Nesse contexto, o $\theta\omega\mu\alpha$ teria grande importância; como nem tudo poderia ser retido pela memória, somente o que fosse admirável deveria ser preservado. Heródoto, portanto, ao narrar o $\theta\omega\mu\alpha$, daria aos acontecimentos $\kappa\lambda\epsilon\pi\omicron\upsilon\varsigma$ (fama) e, desse modo, os mesmos seriam preservados. O $\theta\omega\mu\alpha$ seria uma categoria que permitiria ao historiador reunir os mais diversos assuntos: paradoxos, oposições, arquitetura, pessoas e feitos notáveis e até mesmo o próprio regime do Nilo²³. Dentre as histórias dignas de menção, estariam tanto as narrativas sobre a grandiosidade dos faraós, quanto as histórias fictícias, como a cruel vingança da rainha Nítocris²⁴ (que convida os homens que participaram da morte de seu irmão para uma festa, afogando-os durante o banquete), ou a história da cegueira de Feros (que só recuperou a visão, quando lavou os olhos com a urina de uma mulher fiel ao marido).

É inegável, Heródoto recorre a diversos princípios do estilo da organização oral, como a parataxe, a composição anelar, a exemplificação concreta, em lugar da abstrata. Todavia, não devemos supor que as *Histórias* fossem uma performance pública tal e qual a epopéia de Homero. A obra de Heródoto, embora composta para um público ouvinte, não era uma criação feita de improviso, como a epopéia talvez fosse. Na verdade, como bem observa Nagy²⁵, o historiador escreve o texto para que seja proferido publicamente; várias características da obra do historiador confirmam as teorias desse helenista.

A própria linguagem²⁶ de Heródoto marcada pelo uso da parataxe à maneira arcaica, de preferência à subordinação, é tão próxima da exposição oral que levou muitos a sustentarem a tese de uma redação tardia. Porém, se a considerarmos mais acuradamente, veremos que mesmo os arcaísmos dos textos do historiador são escolhidos deliberadamente. Quando Heródoto compôs as *Histórias*, a escrita já era utilizada há muito tempo pelos logógrafos, como revela este fragmento de Hecateu:

Hecateu, o milésio, assim discorre: escrevo ($\gamma\rho\alpha\pi\phi\omega$) o que me parece ser verdade, pois as histórias dos gregos são muitas e, como se revelam a mim, risíveis. (*FGr I F 1*) (Tradução nossa)

²³ Heródoto observa inúmeros paradoxos entre a cultura egípcia e a grega: cito alguns: a circuncisão 2.37, a extrema reverência dos egípcios aos animais (os crocodilos 2.68, o hipopótamo 2.71, a fênix 2.73, as serpentes aladas 2.74 e o íbis 2.75-76).

²⁴ 2.100.

²⁵ Gregory Nagy, *Homeric Questions ; Pindar's Homer : The Lyric Possession of Epic Past*.

²⁶ Segundo J. Myres, *Herodotus, Father of History*, a construção da narrativa de Heródoto seria minuciosamente elaborada. Myres compara a composição de Heródoto à construção dos templos gregos, onde diversas partes da composição escultórica são colocadas em torno de um tema ou figura central.

A presença do verbo γραφω indica que os relatos arcaicos não eram compostos oralmente; o próprio Heródoto, ao se referir à composição de sua obra, utiliza este verbo: "Quanto a mim, ao longo de todo o livro, preparo-me para consignar por escrito (γραφω) o que ouvi dizer de cada um deles". (*Histórias*, 2.123). Não devemos confundir composição oral com divulgação oral. Até o século I d.C, era costume anunciar ou celebrar a publicação de uma obra de história por meio de leituras públicas, que acompanhavam a difusão de obras históricas individuais em cópias manuscritas²⁷.

Como bem observou Charles Segal²⁸, algumas generalizações foram excessivas, e o próprio Havelock foi um dos responsáveis por isso, já que deu pouquíssima atenção tanto à tragédia quanto aos textos da historiografia grega. Segundo Segal, o texto da tragédia foi produzido de modo diverso do texto do aedo, cuja criação ocorria provavelmente de improviso. O poeta trágico escrevia algo para ser representado publicamente, mas o texto estava sob o controle do autor, o que é evidenciado pelo tratamento dado a assuntos como a mitologia, abordada, nesse caso, com certo distanciamento. O que Segal comenta a respeito da tragédia também pode ser estendido a Heródoto. No caso do Livro II das *Histórias*, além de tudo o que já foi dito, poderíamos acrescentar ainda o tratamento que o autor dá ao material mitológico. No *logos* egípcio, Heródoto racionaliza os mitos, estabelecendo para os mesmos uma ordem cronológica, vinculada à história do Egito, e, ainda, descreve os procedimentos ritualísticos de forma analítica.

Heródoto, portanto, se revela um autor que controlava e produzia seu texto; além do tratamento dado à mitologia, vale lembrar que o autor questionou - e até abandonou - valores da cultura arcaica. A história da regeneração de Helena, por exemplo, contesta valores do mundo heróico: para o historiador, não faz sentido uma guerra sangrenta apenas para que a honra dos gregos fosse preservada. Além disso, algumas categorias da cultura oral foram redefinidas, enquanto outras foram associadas às idéias correntes na época de Heródoto. Tal é o caso do θωμηα que adquire novo sentido na obra do historiador. Assim como em Sófocles, amigo de Heródoto e Anaxágoras, o admirável - ou o terrível, se quisermos o texto original do poeta - passa a ser o domínio do homem sobre a terra e suas criaturas:

Muitos milagres há, mas o mais portentoso²⁹ é o homem.
Ele, que singra o mar sorrindo ao tempestuoso Noto,
galgando vagalhões

²⁷ A. Mongliano, "The Historians of the Classical World and their Audiences: Some Suggestions", *ASNP*, 1978, pp. 59-75.

²⁸ C. Segal, *Interpreting Greek Tragedy: Myth, Poetry, Text*, pp. 76- 83.

²⁹ No texto de Sófocles não temos a palavra θωμηα, mas sim δεινωα. Contudo é evidente que Sófocles considerava os feitos do homem admiráveis e dignos de serem celebrados em sua poesia. Observo ainda que alguns críticos importantes como Segal, *Oedipus Tyrannus* e Guthrie, *The Sophists*, traduzem a palavra δεινωα por "maravilhoso".

que escancaram em torno o abismo;
e que a deusa suprema, a Terra,
a eterna infatigável,
ano após ano, rasga a arado e pisa com cavalos.
. (Sófocles, *Antígone*, 334-340, tradução de Guilherme de Almeida)³⁰

Heródoto, como Sófocles, narra os maravilhosos feitos dos homens que, através de sua inteligência, da organização político-social, dominam a natureza e edificam obras tais como: os sacrifícios (*Histórias* - 2.38-42; 46-48), origem egípcia do nome dos deuses e dos cultos gregos (*Histórias* - 2.49-53), origem do oráculo de Dodona (*Histórias* - 2.54-57), medicina (*Histórias* - 2.84), rituais funerários (*Histórias* - 2.85-90), vida dos egípcios nos pântanos (*Histórias* - 2.94), proteção contra os mosquitos (*Histórias* - 2.95), construção das embarcações (*Histórias* - 2.99), repartição das terras (*Histórias* - 2.109), construção das pirâmides (*Histórias* - 2.124-128), labirinto do lago Méroe (*Histórias* - 2.148-150), regras justas para os jogos olímpicos (*Histórias* - 2.160). Até mesmo no parágrafo trinta e cinco, paradigma da declaração das intenções narrativas do autor, o $\theta\omega\epsilon\mu\alpha$ apresenta-se redefinido:

Volto-me ao Egito, sobre o qual alongo meu discurso, porque, em relação aos demais países, possui as coisas mais maravilhosas ($\theta\omega\mu\alpha\rho\sigma\iota\alpha$) e oferece obras que superam a possibilidade descritiva; por isso esse país será objeto de considerações mais detidas. Os Egípcios, ao mesmo tempo que possuem um céu particular e um rio que apresenta natureza ($\phi\upsilon\pi\theta\sigma\upsilon\nu$) diferente de todos os demais, têm em relação a quase todas as coisas costumes ($\eta[\theta\epsilon\alpha]$) e leis ($\nu\omicron\theta\mu\omicron\iota$) contrárias aos outros homens. (*Histórias*, 2.35)

A leitura atenta desse parágrafo revela que o $\theta\omega\epsilon\mu\alpha$ está associado a outras categorias: $\phi\upsilon\pi\theta\sigma\upsilon\nu$, $\epsilon\nu\theta\mu\omicron\nu$ e $\eta[\theta\epsilon\alpha]$; além disso, a maior parte do relato que antecede esse parágrafo é dedicada à descrição de fenômenos físicos: regime do Nilo, formação geológica do Egito, geografia e clima. O destaque dado a $\phi\upsilon\pi\theta\sigma\upsilon\nu$ e $\epsilon\nu\theta\mu\omicron\nu$, que ocupa lugar central na obra e permeia praticamente todo o *logos* egípcio, insere o autor no debate de sua época, quando estes conceitos ocupavam lugar de destaque em praticamente todas as discussões³¹.

Não se pode negar, o Livro II das *Histórias* está intimamente relacionado a questões investigadas no século V a.C., ainda que sejam apresentadas por meio de histórias fictícias, como é o caso do experimento de Psamético. Essa história, que, em momento algum, pode ser considerada como um simples conto para distrair o público, expressa a rejeição do autor à teoria inatista da linguagem e discute a antigüidade dos povos. Também, nas histórias dos faraós, as narrações não servem somente para entreter ou deleitar. Utilizando-se da ficção, Heródoto enaltece a

³⁰ Guilherme de Almeida, Trajano Vieira, *Três Tragédias Gregas*.

³¹ Para maiores detalhes sobre como se deu o debate entre $\nu\omicron\theta\mu\omicron\nu$ e $\phi\upsilon\pi\theta\sigma\upsilon\nu$ no século Va.C., leia-se, por exemplo, a obra de W. K.C. Guthrie, *The Sophists*, pp. 55-31.

inteligência dos faraós que cumprem irrestritamente a lei; assim, novamente, o $\nu\omicron\pi\mu\omicron\nu$ é colocado em pauta. Mesmo no prólogo das *Histórias*, podemos ler nas entrelinhas da declaração de Heródoto de conferir $\kappa\lambda\epsilon\pi\omicron\nu$ aos feitos dos gregos e bárbaros, a consciência de que existiam variados povos e costumes. Tais constatações indicam que Heródoto coloca em pauta questões não abordadas pelas culturas arcaicas; mais uma vez confirma-se: as *Histórias* não podem ser simplesmente equiparadas aos cantos do aedo.

Em nossa opinião, tem-se dado muito destaque aos aspectos orais da obra do autor, alguns dos quais, como vimos, questionáveis em certos pontos. Com raras exceções, Heródoto é considerado pela exposição de idéias e juízos debatidos em sua época. Não queremos dizer que as obras que se voltam para os aspectos orais de Heródoto não tenham seu valor; ao contrário, elas são tão minuciosas e extensivas que ficaria difícil dizer qualquer novidade nessa área. Assim, demos em nossa dissertação especial destaque a aspectos que, até agora, foram menos tratados. A obra de Heródoto, e sobretudo o Livro II, foi estudada de acordo com suas peculiaridades, já que é uma das criações mais singulares da Antigüidade Clássica, ligada intrinsecamente ao período da época arcaica em que se preparava o desabrochar do classicismo. Para tanto procuramos nos deter em alguns tópicos do *logos*, considerando autores que, de algum modo, ajudassem quanto à compreensão de Heródoto, inserindo o autor no debate de idéias de sua própria época.

BIBLIOGRAFIA

- BURY, B. J. *The Ancient Greek Historians*. Dover, 1958.
- CALAME, C. *Le Recit En Greece Ancienne*. Paris, Méridiens Klincksieck, 1996.
- CARPENTER, T. H. *Art and Myth in Ancient Greece*. London, Thames and Hudson, 1991.
- CASSIN, B. *Ensaio Sofísticos*. Tradução de A. L. de Oliveira e L. C. Leão, ed. Siciliano, São Paulo, 1990.
- CÁSSOLA, F. *Erodorto. Storire*. (Ed. e Com.) Milano, Rizzoli, 1984.
- CHRIMES, K. T. "Herodotus and the Reconstruction of History". *Journal of Hellenistic Studies*, 1930, p.89-98.
- COLLINGWOOD, G. *The Idea of History*. Oxford, 1946.
- DEMAND, N. "Herodotus Encomium of Athens : Science or Rhetoric?". *American Journal of Philology*, pp.746-758, 1987,
- _____. "Herodotus and Metoikesis in the Persian Wars". *American Journal of Philology*, vol. 109, pp. 416-423.
- DOVER, K. *The Birth of Literary Fiction in Ancient Greece*. Oxford, 1998.

- DREWS, R. **The Greek Accounts of Eastern History**. Harvard University Press, 1973.
- DUNN, F. **Tragedy's End . Closure and Innovation in Euripidean Drama**. Oxford, 1996.
- EVANS, J. S. **Herodotus , Explorer of the Past**. Princeton, 1991.
- FLORY, S. **The Archaic Smile of Herodotus**. Detroit, Wayne State University Press, 1987.
- FORNARA, C. W. **Herodotus. An Interpretative Essay**. Oxford, 1971.
- FROIDEFOND, C. **Le Mirage Égyptien**. Ophry, 1971.
- GENTILI, B. **Poetry and Its Public in Ancient Greece**. Johns Hopkins University Press, 1988.
- GOULD, J. **Herodotus, Historians on Historians**. New York, St. Martin Press, 1989.
- HARTOG, F. **Le Miroir D'Hérodote**. Paris, Gallimard, 1980.
- HAVELOCK, E. **A revolução da Escrita na Grécia Arcaica**. tradução de José Oderp Serra, Unesp , 1996.
 _____. **Preface to Plato**. Oxford, 1982.
- HEGEL, W. G. **The Phylosophy of History**. New York, Dover, 1956.
- HEIDEL, W. **The Frame of Ancient Maps**. New York, 1937.
 _____. **Hecateus and The Egyptian Priests in Herodotus Book II**. Boston, Memoirs of The American Academy Arts and Sciences, 1935.
- HOFFMAN , O. **Storia della lingua greca**. vol. I, Napoli, 1969.
- HORNBLOWER, S. **Greek Historiography**. Oxford , 1994.
 _____. **A Commentary on Thucydides**. vol. II, Oxford, 1996.
- JACOBY, F. **Die Fragmente der Griechische Historiker**. vol. I- II, Leiden , Brill, 1999.
 _____. **The Genesis of Jacoby's Atthis, in Owls to Athens**. Essays on Classical Subjects Presentes to Sir K. Dover, Oxford , 1990.
- JONES, J. **On Aristotle and Greek Tragedy**. California, Stanford University Press, 1962.
- JONES, H. L. **Greek Epic, Lyric and Tragedy**. Oxford, 1990.
- JONES, W. **Hippocrates**. vol. I , Loeb , London 1939, pp. 66.
- KAHNE, A. **The Interpretation of Order. A Study in the Poetics of Homeric Repetition**. Oxford, 1994.
- KNOX, B. **World And Action. Essays on the Ancient Theater**. Johns Hopkins, 1979.
- KRAUS, S. **The Limits of Historiography**. Leiden, Brill, 1999.
 Cambridge, 1957.
- KURY, M. **Heródoto – Histórias**. (Tradução e introdução), Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1985.

- LACHENAUD, G. **Mythologies, Religion et Philosophie de l'histoire dans Hérodote**. Université de Lille III, 1979.
- LEGRAND, P. E. **Les Histoires, Introduction**. Paris, Belles Lettres, 1932.
 _____. **Hérodote –Histoires**.(Ed. e Trad.), Paris, Belles Lettres, 1932.
- MOMIGLIANO, A. "Il racionalismo di Ecateo di Mileto". **Atene e Roma**. XII, 1931, p. 133-142.
 _____. "Erodoto e la storiografia moderna". **Aevum**, XXXI, 1957, p.74-84.
 _____. "The Historians of the Classical World and their Audiences : Some Suggestions", **ASNP**, 1978, pp. 59-75.
- MYRES, J. L. **Herodotus, Father of History**. Oxford, 1953.
- NAGY, G. **Homeric Questions**. University of Texas, 1996.
 _____. **Pindar's Homer. The Lyric Possession of an Epic Past**. Johns Hopkins, 1990.
- OLSON .D. **O Mundo no Papel, As implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita**. tradução de Sérgio Bath, São Paulo, Ática, 1994.
- PEARSON, L. **The Early Ionian Historians**. Oxford, Clarendon Press, 1939.
- PECHANSKI, C. D. **Le Discours du Particulier, Essai sur l'enquête hérodotéenne**. Paris, Seuil, 1987.
- POHLENZ ,M. **Herodo, der erste Geschichtschreiber des Abendlandes**. Leipzig, Teubner, 1937.
- ROMILLY, J. **Histoire et Raison Chez Thucydide**. Paris, Les Belles Lettres, 1967.
- SEGAL, C. **Oedipus Tyrannus**. New York , Twayne Publishers, 1994.
 _____. **Interpreting Greek Tragedy**. Ithaca and London, Cornell University Press, 1986.
- THOMAS, R. **Literacy And Orality In Ancient Greece**. Cambridge, 1992.
- VANSINA, J. **Oral Tradition as History**. Wisconsin Press, 1985.
- WATERFIELD, R. **Herodotus : The Histories. A New Translation**. Oxford, 1998.
- WATERS, K. H. **Herodotus on Tyrants and Despotes. A Studie in Objective**. Steiner, 1971.
 _____. **Herodotus the Historian, His Problems, Methods and Originality**. University of Oklahoma Press, 1985.
- WOOD, H. **The Formal Structure in the Histories of Herodotus**. New York, Columbia University, 1964.